

## COOPERAÇÃO INTERNACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO, AÇÕES AFIRMATIVAS E EMPODERAMENTO NEGRO: O CASO DO INSTITUTO STEVE BIKO EM SALVADOR BAHIA (2016-2018)

Marcos Vinicius Pereira Reis<sup>1</sup>  
Leonel Leal Neto<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo se debruça sobre a Cooperação Internacional para o Desenvolvimento, a partir de um estudo de caso, o que tem como objetivo mostrar se o trabalho do Instituto Steve Biko (ISB) a partir da Cooperação Internacional para o Desenvolvimento entre Joe Beasley e Coca-Cola Foundation comprova ou não os referenciais relacionados aos debates raciais, bem como das discussões e conceitos trazidos pela Teoria de Relações Transnacionais e Internacionais e pela Cooperação Internacional. Desse modo, este trabalho busca descrever a Cooperação Internacional para o desenvolvimento entre ISB, Joe Beasley e Coca-Cola Foundation de modo a pautar a importância do ISB no combate ao racismo e Empoderamento Negro na cidade de Salvador.

### O SURGIMENTO DO INSTITUTO STEVE BIKO E A SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA

*“Eu fico com essa impressão de vários discursos rasos sobre o que é excelência, sobre o que é emancipação e sobre o que é empoderamento. Você quer falar de empoderamento? Nós somos o poder em exercício”  
(EMICIDA, 2018).*

O Instituto Steve Biko (ISB) surge ao perceber a extrema minoria de estudantes negros nas universidades e automaticamente se perguntam: por que não entram mais negros lá? (CARDOSO, 2010; ENCARNAÇÃO, 2011). O objetivo do ISB consiste em lutar pelo acesso dos negros as universidades, o que remete a um processo histórico anterior ao seu surgimento, no qual em 1940, por iniciativas de parcela do ativismo negro em busca do acesso ao ensino superior, é realizado o Congresso Nacional da Juventude por iniciativa do grupo Getepum composto somente por profissionais liberais e universitários negros em São Paulo (CARDOSO, 2010).

Além do Getpum havia o grupo Escola do Camisa, criado em São Paulo em 1976, que tinha como preocupação a falta de diploma do ensino médio obrigatório para prestar o

---

<sup>1</sup> Bacharel em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE).

<sup>2</sup> Mestre em Gestão do Desenvolvimento e Cooperação Internacional pela Universidade Moderna de Lisboa, pós-graduado em Gestão de Negócios pela Universidade Católica do Salvador, graduado em Administração pela Faculdade Rui Barbosa.

vestibular e o posterior acesso dos negros às universidades (CARDOSO, 2010). Importante notar com isso, que o ISB nunca esteve sozinho na luta empreendida e isso é muito valioso a partir do momento que se percebe que já haviam negros lutando pela mesma causa, fortalecendo a luta que viria posteriormente:

Henrique Cunha chama a atenção para a facilidade do Instituto Steve Biko por estar num momento em que já existia negros na Universidade [...]. Importante salientar que o vínculo destes estudantes com o Movimento Negro foi determinante para que não se acomodassem com o status “daqueles negros que ao se esforçarem, chegaram à academia” (CARDOSO, 2010, p. 73).

Na década de 80 havia um intenso movimento nacional de estudantes negros em busca de refletir e debater não somente a minoria de negros nas universidades, mas também de tratar e discutir sobre as questões raciais nesse espaço, já que a União Nacional de Estudantes (UNE) negava-se a discutir o racismo, se colocando como única narrativa identitária (CARDOSO, 2010):

No 40º Congresso da Une em Brasília, aconteceu a primeira reunião nacional de universitários negros onde se avaliou a ausência de uma análise do racismo no Brasil e na produção acadêmica possibilitando uma articulação nacional de estudantes negros (CARDOSO, 2010, p. 74).

Nesta primeira reunião nacional de universitários negro dentro do 40º Congresso em Brasília, ocorre o rompimento dos universitários negros com a Une (CARDOSO, 2010; ENCARNÇÃO, 2011). Dessa forma, é importante salientar que a história do ISB está ligada à busca da autonomia dos estudantes negros perante a União Nacional dos Estudantes devido a exclusão da temática racial. Marca este momento também a articulação para a formação, no Rio de Janeiro, de um novo grupo contendo somente negros (CARDOSO, 2010).

Em 1991 ocorre a segunda reunião nacional de estudantes negros durante a 41º Congresso da Une, em Campinas, tendo os estudantes da Bahia participação essencial ao lançarem o manifesto intitulado “Nós, Os Negros” pelo qual avaliaram o Eurocentrismo da organização estudantil (CUNHA, 2012).

Essa reunião mobilizou mais de 100 estudantes negros presentes no Congresso e delegados de 15 estados do Brasil a discutirem a Universidade brasileira do ponto de vista dos estudantes negros. Como principais deliberações desse grupo de estudantes universitários negros estavam a convocação do 1º Seminário Nacional de Universitários Negros em Salvador (BA), a criação de um coletivo nacional de estudantes universitários (CENUN) e o lançamento de um manifesto nacional denominado “NEGRATITUDE”. Ainda como desdobramento dessa articulação nesse Congresso, criam-se diversos grupos de estudantes negros nas universidades em nível nacional: em Salvador (UFBA, Cairú, Uneb, Centec, Ucsal); Minas Gerais (UFMG, Icmg, PUC); São Paulo (USP/PUC e Universidades e Faculdades isoladas); Recife (Unicap, Fapipe, Ufrpe; Rio Grande do Sul (UFRGS); Maceió ( Ufal); Goiânia (Ufgo); Rio de Janeiro (UFRJ) e Volta Redonda; Espírito Santo (Ufes0;

Pará (Ufpa, Fep, Fcap); Núcleo de Consciência Negra da USP (CARDOSO, 2010, p. 75).

O primeiro Seminário Nacional de Universitários Negros (SENUN) aconteceu em Salvador, em 1993, fruto das mobilizações ocorridas nos Congressos na Une (CARDOSO, 2010; CUNHA, 2012).

O I Senun surge da divergência em relação ao movimento estudantil e à União Nacional dos Estudantes (Une) – fundada na década de 40 e que conservava até ali um perfil de liderança universitária “composta de descendentes de imigrantes europeus e oriundos das classes dominantes” (CARDOSO, 2010, p. 76).

O tema deste primeiro SENUN foi:

A Universidade que o Povo Negro Quer” e no projeto de sua realização, os universitários negros denunciam a Universidade como “ideologicamente eurocêntrica e embranquecedora que reproduz as estruturas racistas do Estado brasileiro que oprime o povo negro (CARDOSO, 2010, p. 77).

No contexto da primeira realização do SENUN é que surge o ISB, fruto desta articulação da juventude negra. Os debates para chegar a realização deste primeiro seminário vêm desde 1990, organizado pelos jovens negros baianos. O grupo se dividiu em duas equipes, sendo a primeira trabalhando na articulação e mobilização de outros estudantes negros em diversas universidades dentro e fora do Estado e a outra articulava uma iniciativa de colocar mais negros na universidade (CARDOSO, 2010; OLIVEIRA, 2008).

Assim, seguindo a deliberação da reunião interna dos organizadores do I Senun na Bahia, Valdo Lumumba, um dos organizadores do Senun na Bahia, marca uma reunião onde convida pessoas que mais tarde serão os fundadores da Instituição, como Sílvio Humberto, Jadir Santos e Maísa Silva, para pensarem na implantação de uma iniciativa que preparassem os negros para acessar o ensino superior. Sílvio Humberto era militante ligado à organização negra Níger Okan em 1992 e trazia uma experiência de reforço escolar e de preparação para concursos públicos voltados para pessoas negras [...] (CARDOSO, 2010, P. 79).

A reunião ocorreu em 31 de julho de 1992, na Escola de Economia da UFBA, sendo esta data registrada como a criação do INSTITUTO STEVE BIKO (2018; OLIVEIRA, 2008; CUNHA, 2012; ENCARNAÇÃO, 2011). Meses depois, o ISB põe em prática a sua luta: a de preparar os jovens negros para entrarem nas universidades, tendo a primeira turma formada por 30 alunos (OLIVEIRA, 2008; CUNHA, 2012; ENCARNAÇÃO, 2011).

Portanto, a inquietação dos jovens negros diante da baixa presença negra na universidade brasileira, força três acontecimentos importantes e interligados: em nível nacional a ruptura com a União Nacional dos Estudantes diante das dificuldades desta organização em incorporar a discussão da invisibilidade das questões raciais na academia; a organização dos estudantes universitários negros para discutir suas questões específicas do ponto de vista racial na academia, através da organização do I Seminário Nacional dos Estudantes Negros e o surgimento do

Instituto Steve Biko na Bahia. O I Senun e o Instituto Steve Biko estão focados na mesma questão: a inserção negra na universidade (CARDOSO, 2010, p. 81).

Sendo assim, o ISB é fruto da preocupação de jovens negros ativistas com a minoria negra nas universidades sendo fortalecido por uma articulação nacional. Fundamentalmente, o ISB busca a construção da autonomia negra nos espaços acadêmicos através da inserção quantitativa de estudantes, mas com consciência político-racial para promover mudanças qualitativas no ensino, na vida universitária e na sociedade como um todo, através do projeto Pré-Vestibular e neste, a disciplina de Cidadania e Consciência Negra (OLIVEIRA, 2008).

Em homenagem ao grande ativista sul-africano Bantu Stephen Biko, tendo como inspiração sua luta antirracista contra o *apartheid* na África do Sul, os fundadores decidiram nomear o Instituto com o nome do ativista, em 1994 (CARDOSO, 2010).

Assim o Instituto se apropriou de fragmentos da história de luta contra o *apartheid* da África do Sul, particularmente da história de um dos seus líderes mais conhecidos internacionalmente, Bantu Stephen Biko, como substância para o seu discurso negro. Assim, não foi por acaso que essa organização foi denominada de Steve Biko. Os jovens organizadores em Salvador do I Senun tomaram conhecimento do discurso racial de Steve através da edição brasileira do livro “Escrevo o Que Quero” que é uma coletânea de textos de Biko, prefaciado por Benedita da Silva (CARDOSO, 2010, p. 89).

Bantu Stephen Biko nasceu em 1946 e passou a lutar contra o regime segregacionista ainda na *University of Natal Medical School*, no qual era estudante de medicina. O ativista teve a iniciativa de criar a Organização dos Estudantes Sul-africanos em 1968, composta somente por pessoas negras, divergindo do movimento estudantil predominante. Bantu Stephen Biko acreditava que era necessário que os negros se emancipassem para encontrar a sua própria identidade, sendo esta precedida da libertação física (NEXO JORNAL, 2017).

Diante disto, Biko criou o Movimento da Consciência Negra que tinha como princípio básico a rejeição de todos os sistemas de valores que buscam tornar pessoas negras seres estranhos sem seu país natal e que tem como consequência negativa a redução da dignidade humana básica (RIBEIRO, 2014; NEXO JORNAL, 2017). Devido as suas lutas empreendidas contra o sistema opressor racista, o ativista foi frequentemente perseguido e ameaçado. Foi preso no dia 22 de agosto de 1977 por policiais, tendo sido violentado por fortes pancadas na cabeça o que levou a sua morte, aos 30 anos, antes mesmo de chegar ao hospital para atendimento, (RIBEIRO, 2014; NEXO JORNAL, 2017).

Inspirado na luta deste grande ativista sul-africano, nasce o Instituto Steve Biko, que devido ao trabalho de preparar jovens negros para o acesso às universidades, além do reconhecimento local, também recebe um considerável reconhecimento internacional.

A primeira relação internacional do ISB aconteceu no ano de 2000, quando recebeu a visita da Igreja afro-americana *Trinity Churchil Cristian* dos EUA, através da *Your World Consolant Foudantion*. A igreja apoia iniciativas sociais voltadas para a promoção do combate ao racismo na diáspora negra e ao conhecer o Instituto fez uma doação financeira para apoiar a luta (CARDOSO, 2010).

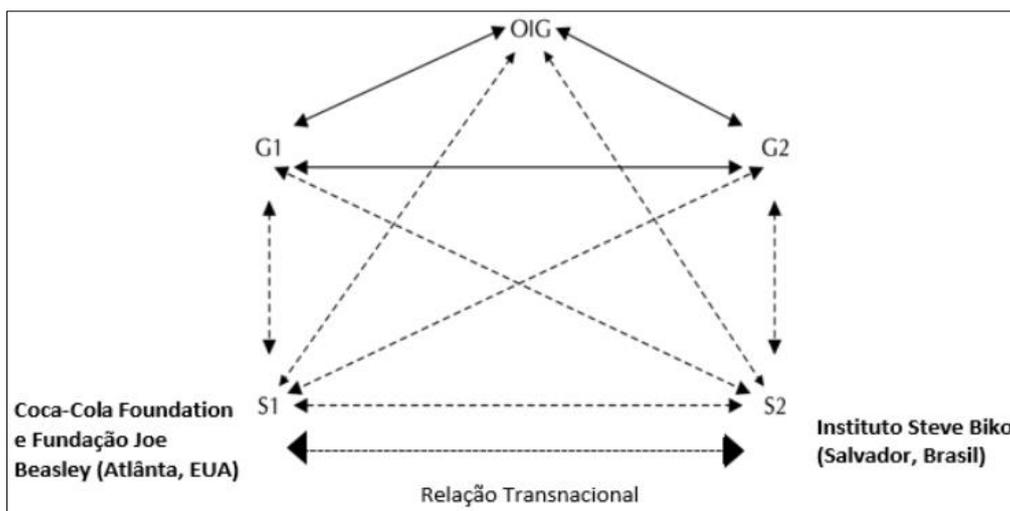
Essas são parcerias que tem aberto possibilidades de alianças internacionais que promovam diálogos do Instituto Steve Biko com organizações e instituições negras nos países da diáspora. Tais diálogos visam, além da troca de ideias e experiências, o intercâmbio de estudantes - conhecendo as iniciativas negras e fazendo cursos. É um processo de internacionalização da experiência do Instituto Steve Biko no qual esta Instituição ao se apresentar como referência em ações afirmativas no ensino superior brasileiro, tem sido alvo de interesse dessas organizações. Isso abre possibilidades concretas de inserção do Instituto numa rede internacional de organizações negras na qual as pessoas da Biko possam sair do Brasil para fazer formação acadêmica e militante e as pessoas de fora possam conhecer e vivenciar a experiência da diáspora negra brasileira a partir do Instituto Steve Biko. Silvio Humberto avalia a importância dessas articulações internacionais (CARDOSO, 2010, p. 144).

Percebe-se então que as relações internacionais do ISB estão contidas desde o seu início de luta em favor da inserção dos negros na universidade. No atual momento, a relação de maior impacto estrutural é a cooperação financeira internacional com o braço social da empresa Coca-Cola, a *Coca Cola Foundation*.

### **COOPERAÇÃO INTERNACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO: INSTITUTO STEVE BIKO, FUNDAÇÃO JOE BEASLEY E COCA-COLA FOUNDATION**

A Relação entre o Instituto Steve Biko, *Joe Beasley* e *Coca-Cola Foundation*, de acordo com Keohane e Nye (1971), é uma relação transnacional quando olhada numa perspectiva mais evoluída sem o envolvimento apenas dos Estados e que pode ser vista na figura adaptada abaixo:

**Figura 1** – Interações transnacionais Não Governamentais



**Fonte:** Elaboração própria, com base em Keohane e Nye (1971).

Pode-se afirmar que a relação S1/S2 é a praticada pelo Instituto Steve Biko, *Joe Beasley* e *Coca-Cola Foundation*. Relações Transnacionais são estabelecidas por interações regulares para além da fronteira de um Estado nacional que tenha pelo menos um ator não estatal (KISSE, 1995). No entanto,

*Other interactions, however, involve nongovernmental actors-individuals or organizations and we consider these interactions "transnational." Thus, a transnational interaction may involve governments, but it may not involve only governments: Nongovernmental actors must also play a significant role. We speak of transnational communication, transportation, finance, and travel when we refer to nongovernmental (KEOHANE; NYE, 1971, p. 332).*

Três destas quatro interações globais trazidas pela teoria, podem ser aplicadas na relação transnacional entre o ISB, *Joe Beasley* e *Coca-Cola Foundation*. A primeira é a Comunicação e Movimento de ideias, que para poder ter ocorrido o firmamento da cooperação internacional houve a convergência de ideias, informações sobre os seus trabalhos e atividades e que com isso gerou-se o trânsito de propostas relativas aos projetos, fundamentalmente acerca do projeto Pré-Vestibular do IBS.

O segundo é o Movimento Financeiro, sendo que após ter firmado a cooperação o Instituto Steve Biko recebeu o aporte financeiro vindo da Coca-Cola, através da Fundação Joe Beasley, para a melhoria dos seus projetos e estruturas especialmente para a construção da nova sede no campo grande, que aportará também a faculdade do ISB. O terceiro são as Viagens e Movimentos de pessoas, a exemplo da presidente da *Coca-Cola Foundation*, Lisa Borders e *Joe Beasley*, que viajou até o Brasil para a reunião e assinatura dos documentos referentes ao apoio financeiro para o ISB.

Para falar da Cooperação Internacional entre ISB e a Coca-Cola *Foundation* é preciso antes falar de *Joe Beasley*, peça fundamental que denunciou a *Coca-Foundation* pelos atos racistas e exigiu reparação da mesma nos Estados Unidos da América (EUA), Atlanta.

[...] tivemos uma ajuda muito importante de um parceiro afro americano e que por sinal, ele é ativista civil e social, o Sr. Joe Beasley que mora em Atlanta e que moveu uma ação contra a fundação Coca-Cola na cidade em que mora por que ele constatou que operários negros que trabalham na Coca-Cola estavam em situações sub-humanas. Quando ele constata isso, ele aciona vários advogados e move uma ação contra a Coca-Cola que posteriormente Joe Beasley acaba ganhando, daí ele consegue fazer com que a Coca-Cola faça uma ação indenizatória e reparadora para a população negra. Posteriormente, Joe Beasley, pesquisando na Internet, começa a buscar por outras instituições ao redor do mundo e graças aos nossos orixás ele viu o Instituto Cultural Steve Biko e se questionou como é que no Brasil existia um instituto com nome Steve Biko, até por que o ativista Bantu Stephen Biko é uma figura muito representativa dentro do movimento negro. Então ele procura entender, estudar e é nesse intermédio de tempo que tivemos o primeiro contato após a visita dele aqui no ISB. Apresentamos nossa historia para ele, nossos projetos, ele se encanta e questiona se recebemos alguma ajuda principalmente da Coca-Cola, sendo que até hoje a Coca-Cola faz ações voltada pra os negros em Atlanta e porque aqui no Brasil não? (Tarry Cristina, entrevista coleta para pesquisa em novembro de 2018).

De acordo com a Diretora Pedagógica do ISB, fazendo referência a uma das falas do ativista Bantu Stephen Biko: “o Empoderamento é para além da consciência de cor da pele, então, esta frase transborda para o campo cognitivo, social, econômico, psicológico e etc.” (Tarry Cristina, entrevista novembro de 2018).

Acerca das visões dos estudantes do que é Empoderamento Negro, pode-se dizer que todos os dez estudantes entrevistados possui um horizonte mais estrutural do conceito, no qual a disciplina de CCN é sempre citada como um elemento importante para este processo. De acordo com Leonardo, que passou pelo Pré-Vestibular e hoje está no 7º semestre do curso de Administração da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Empoderamento Negro:

[...] Perpassa por todas estas questões, apesar de que na minha mente a questão estética vem automaticamente, no entanto devido a sempre ter escutado Racionais eu sempre tive essa consciência. O fato de você ter o cabelo Black, traçado, vestir roupas afro e não ter essa consciência mais estrutural talvez isto possa se tornar um problema ao longo do tempo, por acabar perpassando para as outras pessoas que empoderamento negro é apenas isso, sendo que não. A gente precisa morar em um lugar mais digno e galgar passos ambiciosos. Em relação ao Empoderamento econômico, a gente tem que querer ter o que bom sim! A gente tem que querer ter um carro, você quer comprar um tênis? Compre seu tênis sem precisar parcelar por doze vezes. Sobre o Empoderamento político, temos que parar de pensar que o outro vai fazer pela gente, a gente que tem que tomar a atitude primeiro, por que, por exemplo, eu não vejo validade em está fazendo um curso de ADM sem poder contribuir para a minha família, meus amigos, então, fazer por fazer, tem vários. Os brancos nunca fazem nada por fazer, eles sempre estão buscando com que aquela riqueza fique e rode apenas no círculo social deles. Sendo assim, se ficarmos cada um por si, iremos ficar muito para trás (Leonardo Soares, entrevista coleta para pesquisa em novembro de 2018).

Leonardo trouxe um ponto importante sobre o Empoderamento Negro: a união dos negros. O estudante Bruno Santos diz que o Empoderamento estético, se referindo neste caso ao Empoderamento Psicológico, versa apenas na “construção imagética do ser negro e que não isso é o suficiente. De acordo com ele, é importante que haja uma “auto aceitação sim, mas que é importante os negros estarem ocupando os espaços que sempre foram negados” (Bruno Santos, entrevista coleta para pesquisa em novembro de 2018).

Roberto Salomão, estudante de Administração, reforça os ensinamentos dados pelo ISB para “a conscientização da capacidade que temos de ocupar espaços que a sociedade lhe diz que ser impossível ocupar” (Roberto Salomão, entrevista coleta para pesquisa em novembro de 2018). Segundo Luís Henrique, também estudante de Administração:

O ISB vem trazendo visões diferentes para podermos nos aceitar e termos a capacidade de enfrentarmos o mundo em relação ao preconceito e homossexualidade e ao ser negro. A disciplina de CCN nos Empodera pra termos mais consciência e capacidade de enfrentar todas estas questões (Luís Henrique, entrevista coleta para pesquisa em novembro de 2018).

Pura ilusão achar que mesmo após a população negra se Empoderar o racismo irá se extinguir da vida destas pessoas, como é apontado por Edgleison: “Uma pessoa como eu mesmo, que moro em um bairro elitizado, na Ondina, se eu passar à noite a polícia vai me parar” (Edgleison, entrevista em novembro de 2018). O problema em si, não está unicamente no fato de o policial ter parado ele, mas sim na abordagem ser feita somente com os negros, afinal, como bem pontua o entrevistado, “se um filho de um branco que mora no mesmo bairro passar ele não vai ser parado” (Edgleison, entrevista coleta para pesquisa em novembro de 2018).

Devido aos frequentes ataques de racismos que estes estudantes recebem, tanto de forma direta quanto de forma indireta, vemos como consequência a desestruturação psicológica. Nesse contexto, é importante destacar que o ISB possui uma equipe de profissionais que buscam trabalhar estas questões. Além do Pré-Vestibular e dos ensinamentos dados através da CCN para enfrentamento, estabelecendo modo de como se portar perante a um ataque racista é trabalhado também a estrutura psicológica destes estudantes, o que é reiterado por Tarry Cristina: “não dar para trabalhar com os jovens negros que não seja de uma forma multidisciplinar, para entender como o racismo atinge esse jovem e como o racismo age de uma forma que venhamos a nos negarmos enquanto sujeito” (Tarry Cristina, entrevista coleta para pesquisa em novembro de 2018).

Os recursos da Coca-Cola Foundation destinados ao ISB, promovem o Empoderamento Negro, pois fortalece a Instituição em si e, claro, os estudantes. O processo de busca pelo financiamento com a Fundação durou dois anos, “foi um trabalho de convencimento, não foi através de edital, até que enfim recebemos o recurso” (George Oliveira, entrevista coleta para pesquisa em novembro de 2018).

O maior desafio encontrado pelo ISB para a permanência de suas atividades e projetos está na sua auto sustentabilidade e nos modos de “como manter uma instituição negra frente ao mito da democracia racial que impedem as empresas de financiarem as nossas ações” (George Oliveira, entrevista novembro de 2018). A questão financeira sempre foi levantada como um desafio pelos gestores e coordenadores do ISB: “O nosso maior desafio é terminar a construção da nova sede da Biko, mas como vai ser em 2019? Como iremos conseguir manter isso aqui? Iremos correr atrás de editais e recursos para manter o Instituto” (Cristiane Paula, entrevista coleta para pesquisa em novembro de 2018). Tal questão é reiterada por Tarry Cristina:

A dificuldade maior está na não contribuição das empresas locais e brasileiras, então quando colocamos que trabalhamos com antirracismo através da educação isso se torna um empecilho para que possamos buscar a nossa própria auto sustentabilidade (Tarry Cristina, entrevista entrevista coleta para pesquisa em novembro de 2018).

Em uma cidade negra, como Salvador e, conseqüentemente, contendo o racismo incrustado em seu seio social, é lamentável como não há um incentivo maior por parte da Prefeitura e do Governo do Estado para o combate ao racismo e promoção do Empoderamento Negro:

A prefeitura nunca fez nada em 26 anos de ISB. Já o Estado da Bahia nos concede esta sede aqui do pelourinho, que é contrato pelo qual temos que pagar condomínio e o espaço da nova sede no campo grande, sem a reforma, apenas o espaço por 20 anos, no qual pagamos apenas o IPTU. Em 26 anos o governo da Bahia alocou recursos duas vezes e ainda assim através de editais (George Oliveira, entrevista coleta para pesquisa em novembro de 2018).

Sendo assim, conclui-se que o IBS reflete de sobremaneira com o conceito de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento, pragmaticamente pelo seu trabalho em prol da população negra, sendo esta uma parcela da sociedade baiana, brasileira e mundialmente discriminada, negada e que por muitos séculos tentou-se extinguir. Ao passo que a CID abarca questões de cunho mais social e humanístico e que, além disto, é uma prática que é especialmente estabelecida por Organizações não Governamentais, o ISB é o estudo de caso deste trabalho que versa na prática o que a literatura da Cooperação Internacional descentralizada prega, da mesma forma que vem dando seguimento aos debates

e lutas do movimento negro conforme discutidos pelos autores negros trazidos neste estudo, ou seja, enfrentando o racismo, o mito de democracia racial, ideal do branqueamento, sexismo e todos os tipos de violências contra a mulher negra e todas as demais ideologias racistas existentes.

## REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Nádía Maria. **Instituto Steve Biko: Juventude negra mobilizando-se por políticas de afirmação dos negros no ensino superior**. 2006. 246 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Educação pelo e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2006.
- CUNHA, Silvio Humberto Passos. O Instituto Cultural Steve Biko: vinte anos promovendo ações afirmativas. **Cadernos do GEA**, Rio de Janeiro, n. 2, 2012.
- ENCARNAÇÃO, Luís Gustavo Santos. O Estado brasileiro, o Movimento Negro Unificado e as Políticas Públicas para as populações negras brasileiras entre os anos de 1988 e 2008: elementos para uma análise. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA–ANPUH, 26, [Anais]... São Paulo, 2011.
- NYE, Joseph S.; KEOHANE, Robert O. Transnational relations and world politics: An introduction. **International organization**, v. 25, n. 3, p. 329-349, 1971.
- QUEM FOI Steve Biko e Como ele tornou um ícone contra o Apartheid. **Nexo Jornal**, 12 set. 2017. Expresso. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/09/12/Quem-foi-Steve-Biko-e-como-ele-se-tornou-um-%C3%ADcone-contra-o-apartheid>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- RIBEIRO, Milton. Steve Biko e o Movimento de Consciência Negra na África do Sul. **Portal Geledés**, 08 set. 2014. Africanos. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/steve-biko-e-o-movimento-de-consciencia-negra-na-africa-sul/>. Acesso em: 13 jun 2018.